



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ESCRITAS DE MINAS: OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DO RELACIONAMENTO INTERPESSOAL

Edirlene Rodrigues Marques

Lisleandra Machado

Lívia Meneguitte Ávila

Maria Luiza Firmiano Teixeira

Marcus Vinícius de Paiva

Neuzete Pires Ferreira

*INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUDESTE DE MINAS GERAIS – IF
SUDESTE MG – CAMPUS SANTOS DUMONT*

Resumo: Este trabalho surgiu da proposta de projeto de pesquisa para o EDITAL 08/2015 – PROPESQINOV - EDITAL UNIFICADO DE CHAMADA DE PROJETOS PARA O V PROGRAMA - INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA JÚNIOR – CNPq - BIC JR – do IF SUDESTE MG, submetido pela professora Lisleandra Machado no intuito de transformar os trabalhos de conclusão de curso (TCC's) do curso em Gestão Escolar, no qual a professora foi orientadora de TCC's, em artigos científicos. Esta pesquisa lança um olhar crítico e reflexivo sobre as relações interpessoais na escola. Tem como objetivo investigar que tipo de relações e de que forma elas influenciam no processo de ensino e aprendizagem, visando à melhoria do trabalho coletivo e conscientizando os professores de seu importantíssimo trabalho como agente transformador na sociedade, contribuindo para a formação do indivíduo político, capaz de fazer a diferença no meio em que vive. Quando se percebem conflitos na escola que travam a execução de um projeto de socialização e humanização entre todos os envolvidos, é sinal de que as mudanças precisam acontecer antes que estragos maiores possam acabar com quaisquer tentativas de buscar soluções coerentes. Considera-se um desafio para a pedagogia atual o ato de resgatar em seus professores o cerne dos quatro pilares, uma vez que é notável e triste perceber a desvalorização da classe por ela mesma. “Resgatar”, então, talvez seja a palavra de ordem, pois mudanças qualitativas em quaisquer ambientes corporativos partem do “eu” para o “nós”.

Palavras-chave: Quatro Pilares da Educação; Relações Interpessoais; Resgate de Valores; Respeito ao Próximo.



Introdução

A intervenção que aqui se propõe tem seu foco nas relações interpessoais junto aos sujeitos pedagógicos, com o interesse de promover uma autorreflexão, visando à melhoria do trabalho coletivo e conscientizando os professores de seu importantíssimo trabalho como agentes transformadores da/na sociedade. Este trabalho propõe uma intervenção voltada para a relação interpessoal no âmbito escolar, com o objetivo de auxiliar esses relacionamentos, humanizando-os.

Martin Buber (1977, p. 13) ressalta o relevante papel que os professores exercem na sociedade e na formação do indivíduo político: “O ser humano se torna “eu” pela relação com o “você”. Assim, à medida que me torno “eu”, digo “você”. Todo viver real é encontro”. De acordo com a problemática dessa frase e com os relatos da gestão escolar expondo as dificuldades do trabalho coletivo, salientamos a importância de trabalhar em equipe, de respeitar o outro e as opiniões diversas, contribuindo para que o ambiente de trabalho seja agradável e harmonioso, valorizando o “eu” num universo que ressalta o “todo”.

Conviver harmonicamente, respeitar as diferenças, entender na singularidade o conceito

multicultural que traça parâmetros para uma nova postura educacional no século XXI requer, principalmente, abnegação. A educação, então, tem aí um papel primordial, uma vez que o professor, sensibilizado diante de sua missão, encanta seu aluno e nele tem um parceiro para a vida, conseguindo fazer de sua prática realmente um exercício vocacional capaz de moldar destinos e inspirar futuros. A respeito desse ato de sensibilidade que provém da educação, Chalita (2004) conceitua:

[...] eis o princípio básico da construção da cidadania: educar para a convivência pacífica, harmônica, feliz. Educar para o respeito, para a troca de experiências, para o exemplo no trato com o outro e consigo mesmo. Educar para que todas as vicissitudes sejam enfrentadas com galhardia. (p. 118).

É claro que não se deve estancar em pensamentos de que tais responsabilidades são inerentes única e exclusivamente à escola. A família tem aí um papel primordial que a escola jamais substituirá. Esta supre carências, mas a formação do caráter aprende-se no seio familiar, e a convivência em sociedade a molda. Quando se percebem conflitos na escola – aqueles que travam a execução de um projeto de socialização e humanização entre todos os envolvidos – é sinal de que as mudanças precisam acontecer antes que estragos maiores possam acabar



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

com quaisquer tentativas de buscar soluções coerentes. Entender e não negar a existência de problemas relacionais é um passo importantíssimo para a solução.

Não é uma tarefa fácil, uma vez que a pessoa do gestor, aqui entendido como o mediador dessa grande zona de conflitos, precisa ter, antes de qualquer outro atributo, sabedoria para lidar com o grande número de personalidades distintas às quais se direciona. Trazendo em sua personalidade essas qualificações, dificilmente ficará refém de seus medos, pois saberá delegar funções com sabedoria, mediar conflitos e estabelecer raízes profundas e sólidas, efetivando um clima organizacional harmonioso, prazeroso e feliz. A ideia das múltiplas personalidades ganha força, uma vez que é fácil observar e detectar, no dia a dia, tais características de personalidades distintas em sala de aula. É possível ver, em pleno século XXI, professores que carregam, em sua personalidade, a já muito estudada “Síndrome de Gabriela” – “[...] eu nasci assim, eu sou mesmo assim, vou ser sempre assim, Gabriela, sempre Gabriela [...]” – parafraseando o compositor Dorival Caymmi. São pessoas que, muitas vezes, pelos anos de experiência que trazem, alegam não precisar se adequar às mudanças e que não precisam aprender mais nada, emperrando, assim, o sistema e não contribuindo em nada com o

fazer pedagógico.

Há que se pensar também que o modelo aqui citado, com relação aos mais antigos, não deve ser encarado como uma regra, haja vista que muitos profissionais novatos também carregam essa característica destrutiva das possibilidades de mudanças. Sobre esses modelos de personalidade que se moldam ou não de acordo com as mudanças sociais, Luckesi (2002) nos diz que:

[...] o ser humano se construiu dentro desta sociedade concreta e, por isso, sofre as suas interferências. A personalidade humana é contraditória como contraditória é a sociedade (...) o ser humano não é aquilo que ele diz de si mesmo, mas aquilo que as condições objetivas da história possibilitam que ele seja. (p. 113).

Não há mais lugar no mundo para pensamentos engessados. A sociedade, em constante transformação, grita por profissionais que se preparem, estudem e busquem sempre a atualização dentro de uma perspectiva moderna e atualizada. Portanto, os anseios da mudança e o levantamento de possíveis caminhos para tanto deverão contemplar a escola como um todo e partir do “eu” em direção ao “nós”.

É preciso entender a necessidade assaz urgente que as mudanças sociais trazem e buscar no relacionamento harmonioso condições que propiciem a boa prática



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

humana e pedagógica. “O processo educacional se assenta sobre o relacionamento de pessoas, orientado por uma concepção de ação conjunta e interativa.” (LÜCK, 2006, p. 98).

A escola tem o papel de agente transformador da sociedade, à qual transmite conteúdos, possibilitando o acesso ao saber e promovendo a formação crítica do ser humano como sujeito ativo dentro de uma sociedade em constante transformação. Além disso, uma vez que detém os nortes da formação pedagógica e direciona princípios e valores que fomentarão a personalidade do futuro aluno, ela será sempre reconhecida como extensora do trabalho de formação que se origina na família e nela se complementa.

A busca pelo entendimento desses processos de formação encontra respaldo nos pilares citados por Jacques Delors, segundo o qual a sociedade, em constante transformação, exige indivíduos cada vez mais capazes em lidar com situações adversas e com o diferente.

“Aprender a aprender” é disciplina, foco. “Aprender a conhecer” requer disponibilidade para o novo. “Aprender a fazer” requer muita disposição, força de vontade e coragem para levantar e prosseguir diante dos obstáculos que aparecem no caminho da formação condigna. “Aprender a conviver”, de todos os pilares, é o que exige ainda mais: requer humildade, fim do egocentrismo e aceitação

de si mesmo e do outro.

Assim, o desafio para a pedagogia atual é resgatar em seus professores o cerne dos quatro pilares, uma vez que é notável e triste perceber a desvalorização da classe por ela mesma. “Resgatar”, então, talvez seja a palavra de ordem, pois mudanças qualitativas em quaisquer ambientes corporativos partem do “eu” para o “nós”.

Numa gestão democrática, a afetividade nas relações interpessoais surge ligada à prática pedagógica; não há como dissociá-las. A melhoria das relações interpessoais favorece um relacionamento harmônico e mais saudável.

Este projeto se baseia numa intervenção voltada para a relação interpessoal no âmbito escolar, com o objetivo de auxiliar, humanizando esses relacionamentos. Há uma frase de Martin Buber que diz: “O ser humano se torna eu pela relação com o você. À medida que me torno eu, digo você. Todo viver real é encontro”.

De acordo com a problemática dessa frase e com os relatos da gestão escolar expondo as dificuldades do trabalho coletivo, direcionamos o Projeto de Intervenção para a importância de trabalhar em equipe, de respeitar o outro, de respeitar as opiniões diversas e contribuir para que o ambiente de trabalho seja agradável e harmonioso.

O objetivo deste PI é a valorização do “eu”



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

num universo que ressalta o “todo”; e, ainda, mostrar o relevante papel que os professores exercem na sociedade e na formação do indivíduo político, capaz de viver em sociedade fazendo a diferença no meio em que vive.

Conviver harmonicamente, respeitar as diferenças, entender na singularidade o conceito multicultural que traça parâmetros para uma nova postura educacional no século XXI são ações que requerem, principalmente, abnegação. A educação, então, tem aí um papel primordial, uma vez que o professor, sensibilizado diante de sua missão, encanta seu aluno e nele tem um parceiro para a vida, conseguindo fazer de sua prática um exercício vocacional realmente capaz de moldar destinos e inspirar futuros.

Obviamente, não se deve responsabilizar única e exclusivamente da escola por essas ações. Cabe à família um papel primordial que a escola jamais substituirá. A escola supre carências, mas a formação do caráter aprende-se no seio familiar e a convivência em sociedade a molda.

“A necessidade é tão urgente e vital quanto a água”, já dizia Drummond. Quando se percebem conflitos na escola que travam a execução de um projeto de socialização e humanização entre todos os envolvidos, é sinal de que as mudanças precisam acontecer antes que estragos maiores possam acabar

com quaisquer tentativas de buscar soluções coerentes. Entender e não negar a existência de problemas relacionais é um passo importantíssimo para a solução. Não é uma tarefa fácil, uma vez que a pessoa do gestor, como mediador dessa grande zona de conflitos, precisa ter, antes de qualquer outro atributo, sabedoria para lidar com o grande número de personalidades distintas às quais direciona. Deve ter foco organizacional, olhos de águia, ouvido muito aguçado para filtrar as coisas que não convém trazer à baila das discussões e, sensibilidade, humanidade.

O gestor que trazer em sua personalidade essas qualificações dificilmente ficará refém de seus medos, pois saberá delegar funções com sabedoria, mediar conflitos e estabelecer raízes profundas e sólidas, efetivando um clima organizacional harmonioso, prazeroso e feliz.

A ideia das múltiplas personalidades, ganha força neste PI, uma vez que é fácil observar e detectar, no dia a dia, tais características de personalidades distintas em sala de aula. Entretanto, percebe-se ainda a existência do professor que carrega em sua personalidade a chamada “Síndrome da Gabriela”, já mencionada anteriormente.. Trata-se de pessoas que, muitas vezes, pelos anos de experiência que trazem, dizem não precisar se adequar às mudanças e que não precisam aprender mais nada. Esses professores



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

emperram o sistema e não contribuem em nada no fazer pedagógico.

Há que se pensar, também, que esse modelo, associado aos professores mais velhos, não deve ser encarado com uma regra, uma vez que se percebe que muitos profissionais novatos também carregam essa característica destrutiva das possibilidades de mudanças.

Sobre esses modelos de personalidade que se moldam ou não de acordo com as mudanças sociais, Luckesi (2002, p.113) nos diz que:

[...] o ser humano se construiu dentro desta sociedade concreta e, por isso, sofre as suas interferências. A personalidade humana é contraditória como contraditória é a sociedade (...) o ser humano não é aquilo que ele diz de si mesmo, mas aquilo que as condições objetivas da história possibilita que ele seja.

Não há mais lugar no mundo para pensamentos engessados. A sociedade grita por profissionais que se preparem, estudem e busquem sempre a atualização dentro de uma perspectiva moderna e atualizada.

Portanto, este PI deverá trazer em seu bojo os anseios da mudança, levantando possíveis caminhos para consegui-la, tendo em mente que ela deverá contemplar a escola como um todo, partindo do “eu” para o “nós”.

Embasamento Teórico

A escola tem o papel de agente

transformador da sociedade, que transmite conteúdos, possibilita o acesso ao saber, promove a formação crítica do ser humano como sujeito ativo dentro de uma sociedade em constante transformação. Nesse aspecto, cabe ressaltar os Quatro Pilares da Educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser.

Atentando para esses pilares, é possível entender o papel social da escola, uma vez que, como detentora dos nortes da formação pedagógica e direcionadora de princípios e valores que fomentarão a personalidade do aluno futuro, ela será sempre reconhecida como extensora do trabalho de formação que se origina na família e nela se complementa. Buscar entender esses processos de formação encontra respaldo nos pilares citados por Jacques Delors, uma vez que a sociedade, em constante transformação, exige indivíduos cada vez mais capazes de lidar com situações adversas e com o diferente.

Aprender a aprender é disciplina, foco. Aprender a conhecer requer disponibilidade para o novo. Aprender a fazer requer muita disposição, força de vontade e coragem para levantar e prosseguir diante dos obstáculos que aparecem no caminho da formação condigna. Aprender a conviver, de todos os pilares, é o que exige ainda mais: requer humildade, fim do egocentrismo e aceitação



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

de si mesmo e do outro.

Num processo de formação pedagógica, o professor deve ser o espelho. Carregar em si tais valores leva o aluno a se encantar e querer ser também motivo de orgulho para o seu mestre. Essa postura de troca de saberes cria raízes, fortalece, estimula, podendo traduzir-se num ser humano repleto de sensibilidade.

Um desafio para a pedagogia atual é resgatar em seus professores o cerne dos quatro pilares, uma vez que é notável e triste perceber a desvalorização da classe por ela mesma. Esse resgate que se propõe, por meio de mudanças qualitativas, cabe em quaisquer ambientes corporativos, contudo deve partir do “eu” para o “nós”. E é isso que se busca com este projeto de pesquisa.

Numa gestão democrática, a afetividade nas relações interpessoais surge ligada à prática pedagógica, e não há como dissociá-las. A melhoria das relações interpessoais favorece um relacionamento harmônico e mais saudável. Essa informação encontra respaldo em:

[...] um ambiente de trabalho no qual prevaleçam relações interpessoais mais humanas e justas, privilegiando o respeito à diversidade sociocultural de todos os envolvidos no processo educacional que se relacionam diretamente com o aluno. (SILVA, 2008, p. 13) .

Para a feitura deste projeto de

intervenção, buscou-se suporte nas palavras de teóricos diversos que deram sua contribuição para o melhoramento das relações interpessoais, dentre eles: Jacques Delors, Cipriano Luckesi, Carlos Rodrigues Brandão, Jussara Hoffmann, Paulo Freire, Gabriel Chalita, Augusto Cury.

Metodologia

A metodologia usada partiu da observação da rotina da escola, através das relações interpessoais que movimentam o fazer pedagógico, a fim de levantar problemas existentes e buscar soluções.

Na relação professor-professor, as divergências de ideias emperram o bom funcionamento da instituição, causando máculas difíceis de cicatrizar; já na relação professor-aluno, deve-se buscar o entendimento de que viver de saudosismos não acrescenta.

É preciso entender a necessidade de mudanças sociais que busquem criar um relacionamento harmonioso e um ambiente que propicie a boa prática humana e pedagógica. Hernandez (1998, p. 72) fala do desafio do entendimento daquilo que não nos é normal, do que tem raízes contraditórias e que gera confusão e precisa de sensibilidade corajosa para não medrar diante das situações. Esse conceito permeia todo o pedagógico na



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

escola, uma vez que abarca desde os limites da hierarquia, passando pela gestão, seja ela de que modelo for, e culmina com as relações interpessoais que geram conflitos.

Portanto, este PI não intenciona ser um modelo a ser seguido, mas tem por objetivo dar um suporte teórico a todas as escolas da rede municipal de Ubá em que sejam detectados esses mesmos problemas.

Resultados e discussões

O Projeto de Intervenção foi organizado priorizando uma boa relação interpessoal, por se tratar de uma concepção que é o cerne dessa escola, na qual as relações pedagógicas – tanto professor e professor, professor e alunos, alunos e alunos, pais e professores – interferem diretamente no aprendizado dos alunos, a qual visa formar o cidadão crítico, capaz de inserir-se na sociedade e contribuir com atitudes para que esta mudasse de forma qualitativa.

Junto com a gestão escolar, identificamos ser esse um diferencial negativo nas práticas pedagógicas da escola, daí a necessidade de promover ações capazes de fazer com que os professores, principalmente, ajam de forma amigável, coletiva, rumo à aceitação da opinião do outro, com solidariedade o suficiente para repensar sua prática pedagógica, garantindo a aprendizagem de

seus alunos e o bem-estar no ambiente escolar.

Com esse objetivo, surgiram vários questionamentos sobre as relações interpessoais entre os diversos sujeitos pedagógicos: Como fazer com que os professores trabalhem de forma coletiva, priorizando uma educação de qualidade para seus alunos, buscando fazer do ambiente escolar um lugar harmonioso e feliz? Como é possível melhorar as relações entre todos os profissionais da escola internamente? Como fazer da escola um real espaço democrático, em que se priorizem as relações humanas, fomentando ainda mais a parceria entre família e escola?

Buscar parcerias, fomentar atitudes, priorizar relacionamentos. Eis os problemas levantados e que, junto com a gestão escolar, identificamos serem os diferenciais negativos nas práticas pedagógicas da escola, daí a necessidade de promover ações capazes de fazer com que os professores, em especial, ajam de forma amigável, coletiva, rumo à aceitação da opinião do outro, com solidariedade o suficiente para repensar sua prática pedagógica garantindo a aprendizagem de seus alunos e o bem estar no ambiente escolar.

Conclusão



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Observa-se que, dentro de um ambiente de trabalho, grupos de pessoas compartilham tarefas e, por mais que se possa ter um modelo de comportamento, à medida que as atividades e interações se desenvolvem, despertam sentimentos como comunicação, cooperação, respeito, amizade dentro de uma ética profissional. Entretanto, para que as ações do planejamento sejam efetivas no ensino e aprendizagem dos alunos, é imprescindível que os atores da educação, em especial os professores, sejam atuantes e interativos em todo o espaço escolar, buscando melhorar o seu relacionamento com os alunos. Assim, a maneira como respondem ou recebem os estímulos deve ocorrer de forma que os valores natos dos estudantes não sejam agredidos.

Quanto mais entrelaçados num ambiente de tranquilidade, maior será a afetividade a ser construída na relação interpessoal, sem modificar o humor. Nesse aspecto, Demo (2003, p. 23) afirma que “por trás do pensar está a ideia da compreensão do que se diz e faz”.

Deve partir dos professores, a flexibilidade nas atitudes, pois cada ser que está enquadrado no ambiente escolar possui individualidade e concepções diferentes. “Cada pessoa é, e sempre será, um verdadeiro universo de individualidade; suas ações, seus motivos, seus sentimentos constituem

paradigma único.” (ANTUNES, 2003, p. 9).

O processo de ensino e aprendizagem, e principalmente a formação humana, bem como hábitos de boa educação, devem ser priorizados pelas escolas, contudo valores éticos e de educação devem ter início na família. Tais valores são pautados pelo diálogo entre pais e filhos e devem existir sempre, prevalecendo o respeito e o amor de ambas as partes. Filhos equilibrados emocionalmente se tornam alunos com maiores chances de desempenho positivo nos objetivos da vida escolar, bem como se mostram mais sociáveis e preparados para enfrentar os desafios que a vida lhes propõe.

Assim, a escola deve ser um espaço onde se possa educar para o respeito mútuo. É através do fortalecimento desses vínculos de afeto que professor e alunos 26



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

podem ser protagonistas de uma nova sociedade: mais justa, mais solidária e, acima de tudo, mais humana.

Para que sejamos participantes desse conviver diário, é imprescindível, portanto, a construção de espaços coletivos de estudo e discussão como um recurso metodológico adequado para facilitar o relacionamento interpessoal e a empatia entre seus participantes, princípios elementares para uma adequada convivência social.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato sublime e pelo gesto grandioso reverencio primeiramente ao mestre maior que é Jesus por conceder-me a força e coragem necessárias para finalizar esta etapa.

A participação e compreensão de toda minha família.

A nossa orientadora, Prof. Dr^a Lisleandra Machado com respeito e admiração pela interação, competência e estímulo que permearam a consolidação deste trabalho de conclusão de curso.

A toda equipe de colaboradores e organizadores do curso de Especialização em Escola de Gestores, em particular a professora Shirley Cristine Ricoy Soares, que oportunizaram o crescimento intelectual,

educacional, cultural, social e político, qualificando a educação.

Aos amigos de caminhada por sustentarem os vacilos que por vezes ameaçaram o sucesso deste projeto.

À Secretaria Municipal de Educação de Ubá e todos os envolvidos por viabilizarem recursos necessários à aquisição do saber.

À Escola Municipal “Irmã Ana Maria Teixeira Costa”, por servir de espaço para análise e desenvolvimento do trabalho educacional e especialmente a gestora Eliana Miranda de Sá Moreira por conceder dados de pesquisa e acolhimento para a transformação da educação.

Referências

ANTUNES, Celso R. **Relações interpessoais e autoestima**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

CASTRO, José Renato Gomes. A construção do vínculo na relação de confiança entre professor-aluno-grupo. **Revista de Ciências da Educação**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 137-152, ago. 2001.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2004.

DELORS, Jacques. **Educação - um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1988.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. A Escola. **Revista Nova Escola**, n. 163, jun. 2003,

HERNANDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação.** São Paulo: Cortez Editora, 2002.

MATURANA, Humberto R. Uma nova concepção de aprendizagem. **Dois Pontos**, v. 2, n. 15.

_____. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.